



Prefácio

Pedro Angelo Pagni

Como citar: PAGNI, Pedro Angelo. Prefácio. *In*: AMARAL, Bruna Carla de Carvalho. **Retratos da inclusão escolar: a biopolítica em um caso ficcional**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2022. p. 11-14. DOI: <https://doi.org/10.36311/2022.978-65-5954-294-9.p11-14>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Prefácio

O livro *Retratos da inclusão escolar: a biopolítica em um caso ficcional* de Bruna Carla de Carvalho Amaral analisa os efeitos do biopoder em uma escola de educação infantil fictícia, no que se refere a implementação da chamada educação inclusiva, inspirada em um caso real observado no interior paulista. O paradoxo enunciado no livro é o do caráter excludente dos dispositivos de inclusão adotados nesse caso escolar particular uma vez que perduram na instituição o convívio de uma política educacional inclusiva em curso desde 2008, que regulamenta o direito ao acesso das pessoas com deficiência à escola regular, com práticas, tecnologias e saberes da Educação Especial, que ainda se pautam num paradigma corretivo-normativo, como as relativas à manutenção das classes especiais. Sem dúvida, a particularidade do caso é paradigmática na medida em que o dilema retratado pela autora da implementação das políticas de educação inclusiva, sem ter o acúmulo de uma discussão acerca da inclusão e somente os saberes e tecnologias da Educação Especial foi – e continua sendo – um desafio para os professores da educação infantil e do ensino fundamental em todo o país, enfrentado em várias localidades e de inúmeras formas, sem que se pensasse num outro paradigma de educação inclusiva. Nesse sentido, as discussões contidas no livro são de extrema relevância e atualidade tanto para a elaboração desse outro paradigma quanto para a formação dos professores na medida em que apresenta as contradições inerentes aos dispositivos de poder de seu paradigma corretivo-normativo.

A autora optou nesse sentido por analisar o problema enunciado e apresentar as contribuições para esse outro paradigma de inclusão

recorrendo ao projeto filosófico de Michel Foucault e de seus contemporâneos. Este é outro aspecto inovador da discussão contida no livro, pois, ainda que haja uma literatura razoável retratando o tema da inclusão escolar sob essa ótica, o livro se reporta ao retrato de uma situação, de uma casuística por assim dizer, trazendo para o terreno das práticas escolares uma discussão ainda inédita. Esse julgamento se deve ao fato não somente da didática retomada das categorias foucaultianas utilizadas para a análise dos documentos oficiais que legitimam às políticas de inclusão educacional no qual se apoiam essas práticas, nos dois primeiros capítulos do livro, que auxiliam a situar o leitor nesse terreno, como também as interpelações advindas nos capítulos subsequentes que problematizam um caminho habitual adotado por muitos professores que, mesmo assumindo retoricamente a inclusão, reiterarem práticas excludentes. Nesse sentido, tais interpelações poderiam concorrer tanto para a formação de futuros professores de educação infantil e ensino fundamental quanto para a formação continuada de educadores, produzindo um campo de reflexão sobre esses aspectos conflitivos que compreendem os dispositivos de inclusão escolar e, quiçá, um debate sobre a criação de outro paradigma para tal propósito.

Destaco, nos dois últimos capítulos, ainda, a promessa contida numa futura arqueo-genealogia da Educação Especial no Brasil e da construção desse outro paradigma de inclusão escolar, com os olhares voltados para o que falam, expressam e sinalizam a presença dos corpos das pessoas com deficiência na escola. Afinal, é a esse público que, embora não exclusivamente, se voltam tanto o atendimento educacional especializado do primeiro campo quanto as chamadas políticas de inclusão educacional. Mais dos que contribuir para a formação de professores, as discussões apresentadas nesses capítulos do livro evocam um programa de pesquisa comum, isto é, desenvolvido por uma equipe de pesquisadores,

provenientes de diversos campos disciplinares e, sobretudo, com sensibilidade suficiente para não desejar falar por esse outro, como insistia o projeto filosófico foucaultiano, sob o risco de ultrapassar um limiar ético da pesquisa e estético de um terreno que só pode ser construído a muitas mãos. Nesse caso, um terreno que deveria ser repensado na medida em que as pessoas com deficiência, seus pais e cuidadores, não deixam de ter um conjunto de experiências significativos para a construção de qualquer saber novo para esse campo ou política para a educação, não podendo ser ignorado nem invisibilizado, como o tem sido com alguma frequência em nosso país. Isso significaria também admiti-los como atores dos jogos de biopoder local – e não somente elementos –, uma vez que suas diferenças se explicitam em cada lance, conclamando à revisão de suas regras, ao mesmo tempo que questionando os saberes especializados ou universais para darem conta de sua decodificação, as tecnologias corretivas e as práticas de sua exclusão. São desses questionamentos e da visibilidade àquelas diferenças que um paradigma de inclusão por vir emergirá, não pela dispensa aos saberes e tecnologias acumuladas pelas práticas escolares, mas com a integração e o diálogo delas com outras formas de decodificação da vida, advindas dos corpos dessas pessoas ditas desviantes, deficientes, heterotópicas.

Essa parece ser uma hipótese desenhada pela autora deste livro, que funciona com espécie de provocação aos seus leitores e de convocação para que pesquisadores e especialistas se mobilizem para a construção desse outro paradigma de inclusão escolar. Espero que, efetivamente, os seus leitores se sintam provocados com as discussões do livro e os demais mobilizados para construção desse paradigma de inclusão em germe.

Pedro Angelo Pagni

Docente do PPGE –FFC-UNESP

